

feliz aniversário

Moa Sipriano

MOASIPRIANO.COM

Acordei naquela manhã acreditando que meu dia seria perfeito. Eu levantaria e desceria as escadas com um ar triunfante.

Lá embaixo, aplaudindo minha vitória com palmas enérgicas e gritinhos histéricos, estaria minha mãe, orgulhosa em ver finalmente seu filho único em pé, dando o segundo passo.

Meu pai estaria sentado, como sempre, na velha poltrona de couro falso, e com um olhar de viés, rindo por dentro, seu semblante orgulhoso me diria: “Parabéns, meu filho. Você conseguiu!”

Os velhos estariam encharcados em lágrimas, vertendo alegria e satisfação por todos os poros. Mamãe, logo em seguida ao meu ato histórico, me presentearia com uma generosa fatia de bolo de chocolate com aquela calda bem melequenta, o meu favorito.

Os três membros da família feliz entoariam o velho e bom “Parabéns a você” em uníssono, desafinados, como sempre. E iríamos nos empanturrar de bolo e de vinho e de cerveja e de...

“Pare, seu merda. Você não tem o direito de sonhar, seu canalha!”, eu falava, roufenho, e me estapeava até sentir minhas faces queimando por dentro. Com dificuldade, semi-sentado na cama, eu puxava meus cabelos (um tique nervoso que adquiri após o acidente) e ameaçava bater com força a minha cabeça vazia na parede mais próxima. Marcas de um desesperado. Eu queria morrer.

Meu corpo esquelético, após um tremendo esforço, pousou sua insignificância na velha cadeira de rodas. Perturbado, ainda tomado pela frustração, segui até o banheiro.

Lavei o rosto, borbulhei dentro da bocarra uma dose generosa de desinfetante bucal. Cuspi a podridão da noite. Bom dia hálito puro!

Na casa de minha mãe não havia escadas. Do banheiro, rodopiei até a cozinha, embalado pelo cheiro de café forte recém coado.

Dei “bom dia” pra velha. Ela murmurou algo ininteligível de volta. Minha caneca de porcelana com a estampa do São Paulo repousava sobre a mesa.

Três goles de café depois, ansioso, aguardei infantilmente um “parabéns pra você, meu filho” acompanhado de um sorriso materno. Ganhei na verdade um par de olhos mareados, aflitos para deixar o mais rápido possível aquele *lar-muxoxo-lar* e ganhar o ar frio incomum daquela manhã de setembro.

“Se-tem-bro. Se você quer que algo dê certo na sua vida, comece seja lá o que for sempre em setembro”, meu avô pregava isso quando eu era garoto. Lembranças, lembranças.

“Quer arrumar um novo emprego?”, ele sempre me dizia, “Faça isso em setembro!”

“Quer pedir a mão da moça em noivado? Setembro é o melhor mês para os apaixonados declararem seu amor e firmarem seus votos de união eterna”, ele repetia e repetia essas e mais uma centena de motivos estapafúrdios para justificar a adoração ao Sr. Setembro. Quanta saudade!

Se é possível um homem amar realmente um homem nessa vida, eu amei demais esse velho idiota, que me mimou, que cuidou de mim, que me ensinou a ser um homem de verdade já aos doze anos de idade.

Homem de verdade? Que absurdo eu estava afirmando? Eu sou um bosta, um pária, um verme. Eu deveria morrer. Eu deveria estar no Céu ao lado de vovô. Ele deveria me dar muitas palmadas.

“Estou saindo agora e não tenho hora para voltar... se é que eu vou voltar... hoje”, disse minha mãe, sem dirigir o olhar para mim. “Talvez eu pouse na casa de Fridah. Se quiser comer algo mais tarde, faça um lanche com o que tem na geladeira”, ela concluiu, abrindo e batendo logo em seguida a porta da cozinha, onde a lufada de um ar gelado fora de época arrebitou o último fio de esperança de uma manhã que deveria ser feliz.

Há cinco anos meu relacionamento com mamãe era inexistente. Ela falava comigo o estritamente necessário. Após o acidente, assim que eu saí do hospital amparado por uma cadeira de rodas, por apenas quinze ou vinte dias dona Eva cuidou do seu filho inválido.

Logo que notou que eu conseguia, *malemá*, me virar, dispensou seus cuidados, indo chorar sua dor nos cantos da casa, desesperançada de tudo, sentindo tremendamente a falta do homem da sua vida: meu pai.

Mudamos de casa três meses depois da tragédia. Tudo muito rápido. Achávamos que conseguiríamos fugir do nosso passado.

George, meu pai, era um baita alemão gaiato igual aqueles que a gente vê estampado nos folhetos promocionais de uma *OktoberFest*. Éramos cu-e-calça. Nos dávamos muito bem, não somente como pai e filho, mas como amigos, como companheiros de todas as etapas de uma existência perfeita. Eu cresci muito rápido na companhia do meu pai.

Futebol era nossa perdição. Quando o São Paulo entrava em campo era um deus-nos-acuda. Arrasta sofá pra lá, puxa a televisão pra cá. Aumenta o som. Chama os vizinhos. Rogério entra em campo. Esse é o meu herói! O jogo vai começar...

E dá-lhe salgadinho e cerveja nos *ômi* da casa.

Cerveja, sim, como um bom alemão que sou, comecei a beber muito cedo, sempre supervisionado pelo velho. Cerveja, cerveja, cerveja. Vinho? É coisa de italiano. Mas eu dava lá as minhas bicadas somente em ocasiões muito especiais, como o dia do meu aniversário, por exemplo. E sempre apenas uma taça... de cinco litros!!! O álcool acende nossa hipocrisia.

Aniversário. Minha única data de reais comemorações. Nunca dei bolas para natais e passagens de ano. Mas meu ser vibrava de tesão e alegria em todo vinte e três de setembro. O *meu* dia!

Presentes debaixo da cama (uma tradição na família Müller), rasgação de papéis multicoloridos, abertura de caixas de todos os tamanhos onde saltavam tênis, meias, cuecas, calças *jeans* e eventualmente algum brinquedo simples, sem frescuras, mas que sempre me fazia transbordar de alegria. E bolas, bolas, muitas bolas. Elas não podiam faltar.

Um dia eu vou chutar pro Rogério defender. Doce ilusão.

Cinco anos atrás, eu com apenas catorze anos de idade, corpo varapau de dezoito e cabeça que eu julgava ingenuamente ter vinte um, fui brindado com uma velha CG 125 vermelha, fulgurante, trincando de polida diante dos meus olhos azuis vítreos.

Ignorei os protestos de minha mãe e caí nos braços do meu pai, beijando e lambendo o seu rosto como um cão vadio que acabara de ganhar um prato com a mais saborosa das rações.

Eu já sabia pilotar naquela época, pois aprendi o macete com um colega de escola. Tito e eu costumávamos brincar de *motocross* num descampado atrás da casa dele.

Meu *bróde* me ensinou tudo o que eu deveria saber na arte de pilotar - com paciência e muitas gargalhadas - e não levou muito tempo para eu dominar sua máquina, uma XL 250 branca, preta e vermelha... as cores do nosso time do coração!

Lembro-me daquela quinta-feira, quando meu pai me pegou no pulo, literalmente, ao me ver empinar a moto de Tito e permanecer numa roda só o maior tempo possível. Apreciando minha destreza, papai nem esboçou me dar uma saraivada de broncas. Pelo contrário, ganhei assovios excitados e muitas palmas tensas de assombro ecoaram no ar. Na cabeça do meu pai, eu já era um campeão... nato.

Naquele aniversário, o objetivo da *CGzinha*, segundo meu pai, era fazer com que eu ganhasse experiência na pilotagem. Papai queria restringir meus passeios apenas em algumas ruas do Brooklin somente nos finais de semana (claro que era evidente que ele não falava sério, pois

a liberdade de filho único me permitia sempre quebrar todas as regras) e me garantiu que eu teria uma moto melhor a cada ano, até alcançar o privilégio de pilotar uma máquina pronta para competições.

Esse passou a ser o *nosso* sonho, mesmo debaixo de protestos violentos de caras e bocas e gritos alucinados de minha mãe desolada, porém sempre submissa ao meu pai.

Por uma felicidade (felicidade?) do destino, o São Paulo ia jogar naquela noite no Morumbi e meu pai queria encerrar minha data querida com muitas felicidades e muitos anos de recordações maravilhosas (maravilhosas?). Íamos juntos ao estádio vibrar pelo nosso time. Pela primeira vez. Tudo ao vivo e em cores vibrantes. São Paaauuuloooo!

Queríamos estreiar oficialmente a motoca. Com os capacetes a postos, documentos em ordem, trêmulos e excitados, lá fomos nós para ver o jogo, eu agarrado a contragosto na cintura de papai, deixando minha mãe chateada na cozinha, limpando a bagunça de uma festa alegre besuntada em chocolate.

O jogo foi emocionante, como não podia deixar de ser. Dois a um pra nós diante de um adversário de peso: o Santos. Uivos de felicidade. Uma noite perfeita para um garoto e um pai que se julgavam os seres mais privilegiados do universo.

Já longe do estádio, a caminho de casa, Georjão, eufórico, resolveu parar num boteco. Entornamos umas oito garrafas de cerveja em conjunto. Estávamos mais do que alegres. Éramos machos realizados. Nada podia contra *nóis*. Dois ignorantes numa noite que deveria ser apenas feliz e tranqüila.

Macho ridículo, me sentindo dono de todas as minhas faculdades mentais e físicas, exigi a chave da moto junto ao meu pai. Afinal, ainda era o *meu* aniversário. Ele pensou por exatos três segundos e, sorridente, jogou o objeto prateado em minha mão, entregando-me a sorte do seu destino. Agora era a minha vez de provar nada pra ninguém.

Faltavam apenas um ou dois quilômetros para chegarmos ao nosso refúgio. Eu tinha orgulho de acreditar que estava pilotando muito bem. Eu era “o” cara!

De repente, luzes amarelas cruzaram meu olhar embaçado. Os sons de um emaranhado de buzinas distantes deturpou todos os meus sentidos. Meu pai agarrou minha cintura com uma força fora do habitual e sua encochada involuntária na minha bunda acabou me incomodando.

Senti seus braços sendo esticados e suas mãos desesperadas tentavam buscar o controle da minha máquina que nesse instante galgava por sobre placas metálicas, disparando nossos corpos inertes para as profundezas do inferno.

Inferno, fogo, ferro retorcido, fagulhas, tudo faiscante. Dor, muita dor. Onde estão minhas pernas? O brilho de luzes vermelhas e amarelas e brancas tonteavam o que restava dos meus sentidos e do meu corpo agora inválido.

Dor, desespero, gritos de homens, mulheres e até de uma criança sensivelmente assustada. “Papai, papai, o que aconteceu?”, eu tentava gritar para o mundo, transformando-me no menino indefeso e ignorante que eu era. Mas minha voz estava ausente, minha visão estava ausente, todo o meu corpo estava ausente.

“Parabéns a você, seu idiota, nessa data querida, seu imbecil”, dizia meu anjinho manco da guarda.

Cachorros e cavalos bailavam diante dos meus olhos fechados. As luzes emitiam sons dissonantes. Os sons disparavam clarões esparsos. Meu pai não estava mais próximo de mim. Minha mãe não estava junto de mim. Eu não estava certo de nada ao meu redor. Um coice na minha cabeça desferido pelo cachorro louco descambou meus pensamentos para longe. O cavalo latia e latia sem parar. Eu estava ficando louco e o chão se abria. Era chegada a hora de conhecer o Capeta em pessoa. Um homem de cinza e vermelho segurou meu pescoço. Outras mãos masculinas remexiam meu corpo. Senti cócegas. Soltei um sorriso tosco. Me colocaram numa tábua dura. Achei que era o meu caixão. Eu morri.

Acordei dias depois, imobilizado do pescoço para baixo. Sentada ao meu lado, com o rosto encovado, olhos esbugalhados e faces translúcidas devido a enxurrada de lágrimas recentes, dona Eva Müller segurava um rosário de poucas contas e rezava suas orações em alemão, totalmente isolada do mundo real, absorta em seus delírios e pensamentos difusos.

Depois de proferir com dificuldade as clichérianas perguntas pós-trauma: *Onde estou? O que aconteceu? Onde está papai? Quem ganhou o jogo?* e outras barbaridades do gênero, minha mãe direcionou lentamente um olhar repleto de ódio para mim. Um olhar que congelou instantaneamente meu espírito dilacerado.

Com uma calma e uma frieza sobrenatural, dona Eva, em um tom de voz áspero, totalmente desconhecido por mim, disse, pausadamente:

“Você está num hospital público. Você e sua moto sofreram um grave acidente. Seu pai morreu. O maldito São Paulo ganhou o jogo. Agora que você acordou, eu só posso dizer: Adeus, vou descansar.”

E assim fiquei ali, sozinho, estatelado na fundura do colchão, tentando deglutir o comporta-

mento da velha e suas frases mórbidas. Levei duas semanas para permitir que a ficha caísse definitivamente.

Após cinco anos de sofrimento e penitência, tudo o que eu mais queria naquele vinte e três era apenas um abraço de qualquer ser humano que cruzasse meu caminho. Eu queria abrir a porta da sala e me sentir amado. Ao menos confortado por alguém. Talvez apenas um sorriso ingênuo de um estranho já me faria um bem enorme. Cadê Roberval, o carteiro?

Eu só queria um “feliz aniversário, Rod Müller!”

Em todos esses anos, nesta data fatídica, minha mãe saía logo cedo para passar longas horas ao lado do meu pai, no jazigo da família. O ritual consistia na compra de flores brancas e de alguns produtos de limpeza e sacos de estopa para deixar a lápide limpa e brilhante, onde o granito grafite e as letras em bronze sempre disputavam para ver quem emitia a luz mais radiante depois do trato dado pela minha santa Eva.

Ela nunca permitiu que eu estivesse presente nesse momento solene. “Você seria um transtorno!”, ela dizia, aos berros, toda vez que eu fazia a mais leve menção de acompanhá-la. Eu nunca visitei o túmulo do meu pai.

Graças a tia Fridah, descobri que depois do ritual de orações, limpeza, flores, mais orações, lágrimas e sangue, minha mãe se refugiava na casa da irmã mais velha, que ficava do outro lado da cidade, num bairro que eu nunca conseguia recordar o nome corretamente.

Então essa era a minha vida. Permanecer isolado e solitário no mundo. Meus heróis do futebol e os amigos de escola não morreram de overdose, mas com o passar dos anos, os poucos seres da minha idade e do meu convívio quase que diário foram se afastando da minha dolorosa presença.

Meu estado permanente de ausência de humor e minha nova condição deficiente da cintura para baixo em nada me ajudava a ganhar pontos perante a sociedade. Adeus escola, adeus peladas às sextas-feiras, adeus *motocross* no descampado, adeus punhetas no banheiro antes do ritual do banho. Eu me sentia um total fracassado.

Hoje moro numa rua tranqüila no bairro do Butantã. Aliás, minha rua nem parece “São Paulo”. Lembra uma típica vila do Interior, onde trafegam poucos carros seja o horário que for. E todo mundo se conhece desde sempre. E a vida passa numa velocidade totalmente incompatível com o resto da metrópole. Enfim, é maravilhoso morar aqui. Não tenho saudades do Brooklin.

A triste calma de aquele meio-dia só foi abalada por uma saraivada de uivos ensandecidos disparados por alguma gazela no cio. Eu estava na sala, tentando ler a Folha de um domingo distante e fui surpreendido pelos gritos nervosos de alguém incomum precisando de ajuda.

Em segundos abri a porta e olhando para além da cerca baixa que separa minha privacidade da casa ao lado, deparei-me com a visão abilolada de uma moça loira, magra e desengonçada tentando fechar o porta-malas de um Gol prata caindo aos pedaços.

Aquela gata possuía as unhas mais longas e vermelhas que eu já tinha visto, além é claro, de um par de glúteos que ataçaram imediatamente meus baixos sentidos, que gritavam alucinados para o meu pinto sem vida tomar uma atitude digna perante a vistosa donzela em apuros.

Pigarreando falsamente, chamei a atenção da mocinha. E qual não foi meu espanto quando um rosto triangular coberto por uma penugem negra, onde dois olhos verdes brilhavam em conjunto com um sorriso de dentes alvos, lábios da cor da avelã e uma voz afetada me deram um alegre e afetado “bom dia, lindinho!”

“Ol... lá”, eu disse, gaguejando, tentando esconder o tremor das minhas mãos suadas. “Você é novo... nova, aqui?”, continuei, totalmente desbundado diante daquela novidade em forma de gente. “Você é homem?”, acrescentei, fazendo imediatamente uma careta de reprovação pela minha pergunta cretina e indiscreta.

“Oh! Oi lindinho. Sim, sou nova aqui. Acabo de me mudar. Na verdade, acabei de pegar as chaves da casa com minha irmã Dora.”

“Aliás”, ela continuou, encostando seu corpo alto, isento de gordura, na cerca que protegia o meu reinado, “Dorinha me disse que havia um menino encantador que seria meu novo vizinho. E pelo jeito”, ela piscou para mim, “você deve ser o tal lindinho!”

Eu não sabia se ria, se voltava voando para dentro de casa ou se engolia em seco e encarava a veadagem de peito aberto. Meus pais sempre me educaram para não cultivar preconceitos de espécie alguma. Mas sempre é mais fácil dizer que somos isentos de preconceitos quando não encaramos de frente o problema. Pimenta no cu dos outros...

“Meu nome é Rod. E o seu?”

“Quer meu nome verdadeiro ou meu nome artístico?”, ela disse, jogando a imensa cabeleira alourada para trás.

“Nome artístico? Que porra é essa?”, indaguei, rindo de nervoso.

“Nunca diga ‘porra’ na frente de uma dama, viu lindinho!”

“Ok. Então, nunca diga ‘lindinho’ para um homem estranho. Ele pode se zangar”, afirmei, totalmente sem convicção.

“Homem? Estranho?”, ela disse, ofegante.

A loira fechou o semblante. Caminhou alguns metros até o portão. Saiu à calçada e após seis passos largos, escancarou meu portão, caminhando em rota de colisão até minha cadeira de rodas bambaleante. Parecia uma modelo com um salto maior do que o outro bailando na passarela. Uma cena hilária e assustadora ao mesmo tempo.

Olhando-me com fogo nos olhos que antes fulguravam a luz de duas belas esmeraldas lapidadas com perfeição, a donzela se transformou num macho rústico e sua barba de três dias provocou em mim o mais terrível dos calafrios. Me senti indefeso.

Levamos alguns segundos na troca de encarações mal-humoradas. Com a voz mais cavernosa do mundo, o agora macho esticou um braço fino e comprido, onde pulseiras metálicas de todas as cores ricocheteavam-se umas nas outras, produzindo um som peculiar igual a sinos-dos-ventos.

Uma mão incrivelmente macia, de dedos compridos e afilados, agarrou minha mão de homem-menino-bobo.

“Rebecca Feelings. Com dois ‘B’. Este é o meu nome!”

“Ro... Rod Mül... ler. Com dois ‘L’. É assim que eu me chamo.”

Tentando sustentar nossos olhares e o aperto de nossas mãos por mais alguns instantes, sem mais agüentar aquela tortura adolescente, desabamos nossas máscaras e caímos na mais gostosa das gargalhadas.

“Então o lindinho se chama Rod? Hummm. Gostei. Rod Lindinho!”, disse Rebecca, voltando ao seu estado normal.

“Ok, senhorita Feelings, seja bem-vinda ao nosso humilde bairro”, eu disse, entre risos escrachados.

“Ah, meu lindinho, se você soubesse onde eu morava antes de vir pra cá”, suspirou Rebecca. “*Paradise is here*, como dizia minha amiga Tina”, ela completou, estalando os dedos, criando um círculo imaginário ao nosso redor ao rodopiar o braço esquerdo no ar. E dá-lhe sons de pulseiras.

“Ok, garoto, vamos, você vai me ajudar com os pacotes”, disse Rebecca, dando a volta por trás de mim, assumindo o controle da minha cadeira velha.

Sem mais noção de nada, deixei-me levar. Abandonamos minha casa e paramos ao lado do carro moribundo da estrela dourada.

A moça que não era moça despejou uma porção de pacotes em sacos pardos, sacolas plásticas repletas de quinquilharias, além de uma bolsa de náilon que certamente escondia um hipopótamo embalsamado em seu interior, devido ao peso descomunal, no meu frágil colo.

Sem cerimônia, meu colo e minha cadeira se tornaram um depósito de compras e mudanças. E lá se foi Rebbeca me empurrando para dentro da casa mal-assombrada.

Assim que as cortinas da imensa janela da sala foram totalmente abertas, a luz difusa de uma tarde fria, enevoada, deu um tom de vida para aquele lugar que havia jazido na escuridão durante muitos meses.

Dora, a antiga moradora, havia ganhado um apartamento de dois dormitórios, novinho em folha e totalmente mobiliado do Baú do Sílvio Santos, numa daquelas gincanas malucas onde se roda um peão numérico, gigante. Ah, e ganhou um carro também.

Eu já nem me lembrava mais há quanto tempo ela tinha deixado aquela casa. Afinal, eu não saía muito de dentro do meu casulo. Meu mundo, por cinco anos, era o meu quarto. Nada mais.

Mas sempre tive um carinho enorme por Dora. Foi ela que me “adotou” assim que eu saí do hospital, cuidando de mim nos primeiros três anos, enquanto minha mãe me ignorava quase que por completo. Quando Dora foi embora, tua Fridah (sempre as tias!) assumiu o seu lugar.

Rebbeca abriu todas as janelas da casa. O ar frio entrava com força, levando embora os odores do abandono. Móveis empoeirados gritavam por uma faxina urgente.

Como o peso demasiado me impedia de sair do lugar, eu dependia da atenção alheia para voltar a ter liberdade. Rebbeca captou meu desespero. Sem demora, apanhou cada pacote em meu colo e depositou um a um sobre a mesa da cozinha, enquanto cantarolava num inglês perfeito a famosa música da Tina Turner. Sua voz era límpida, deliciosa de se ouvir. Pelo menos enquanto cantava.

Ao pegar a última sacolinha de compras, Rebbeca tocou em meu sexo morto com as costas das suas mãos suadas.

“Ops!”, ela murmurou, num sussurro, levando dois dedos até os lábios em formato de um biquinho maroto.

Pensando que minha reação poderia descambar para uma possível baixaria, me surpreendi ao encarar aquele “atrevimento” como uma divertida brincadeira sem um pingo de maldade.

Não pude deixar de rir da safadeza da minha mais nova amiga. Ou amigo, sei lá!

Nos comportávamos como velhos conhecidos. A energia que aflorava do desprendimento de Rebbeca invadia meu ser de serenidade e alegria. Um misto de espanto e curiosidade se digladiavam dentro de mim. Uma parte queria fugir dali e esquecer aquela “aberração” totalmente fora dos padrões a que fui obrigado aceitar como real por tanto tempo.

Outra parte de mim queria permanecer exatamente no mesmo lugar. E conhecer mais a fundo aquela personagem de um conto-de-fadas escalafobético que havia emprestado o seu encanto à minha vida enfadonha. Naquele momento, Rebbeca representava a alegria de viver que eu havia perdido há muito, muito tempo.

“Eiii, Rod Lindinhooo, acorda! Gosta de Coca-cola?”, gritou Rebbeca, estalando os dedos finos de unhas colossais, num tom vermelho-hemorragia, tirando-me dos meus sonhos impossíveis.

“Sim, obrigado”, eu confirmei, já de posse de uma latinha ultra gelada do delicioso refrigerante (que surgiu não sei de onde).

“Então, o que vamos fazer agora? Fazemos amor ou destilamos nossos currículos sociais?”, questionou Rebbeca, rindo a cântaros, enquanto jogava os cabelos pra lá e pra cá, passando por mim, procurando um ponto confortável no apertado sofá da sala.

“Vamos começar pelas apresentações tradicionais. É melhor assim”, eu disse, tentando entrar no clima, fazendo a melhor careta de homem sério. “Depois da troca de apresentações, pulamos a fase do namoro. Daí nos casamos e só assim poderemos fazer amor, porque minha religião não permite sexo antes do casamento.”

Uma nuvem de Coca-cola tomou conta do ar. Rebbeca quase engasgou com o restante do líquido gelado, despencando na gargalhada, onde seu corpo sem ossos desabou de vez no sofá, de tanto rir.

“Amei, Rod Lindinho. Então, sem perder um minuto sequer, aqui vou eu!”, ela disse, tentando recuperar o fôlego, limpando a boca com as costas da mão esquerda, masculinamente, e buscando o ar em longas inspirações.

“Meu nome é Carlos Roberto de Almeida. Tenho 32 anos. Sou enfermeiro. E quatro vezes por semana, à noite, sou um transformista de grande sucesso. Quando não estou trabalhando, sou mulher, assim mesmo, de corpo e alma e roupas agarradinhas. Afinal, eu posso. Eu tenho o que mostrar, meu amor. Sou “gostosa” pra caralho!

“Minha existência se resume, durante o dia, a cuidar com extrema dedicação e carinho daqueles que têm o corpo e conseqüentemente o coração dilacerados por algum desencanto

da vida. E à noite, com máxima alegria, me joga e me entrego a cantar e dançar sobre um palco iluminado e assim divertir as bichas que se estrebucham de inveja ao me ver brilhar enquanto encarno minhas divas ma-ra-vi-lho-sas por algumas horas. Aliás, Rod Lindinho, é só nessas horas que uma Raxa consegue grudar em mim: Tina, Barbra, Madonna, Cher, Donna Summer. Elas entram no meu ser. E daí eu solto tuudooo... e arraso, pode apostar, Rod Lindinho. Eu arraso! Pronto... essa é minha rotina gloriosa.”

Rebecca depositou a latinha de Coca bem amassada no piso empoeirado da sala fora de esquadro. Em seguida, como num passe de mágica, enrolou seus longos cabelos naturais num coque delicado, prendendo-os com um pedaço de tecido elástico que surgiu de um dos bolsos do seu *jeans* surrado. Fiquei maravilhado. Que transformação!

Apontando para mim com seu dedo indicador e sua unha enorme e ameaçadora, era hora de começar a minha apresentação pessoal.

“Bom, meu nome é Rod. Tenho 19 anos. Sou filho único. Moro há uns quatro anos aqui na casa ao lado. Nasci e fui criado no Brooklin. Sempre fui um cara alegre, de bem com a vida. Há cinco anos sofri um acidente de moto. Voltávamos de um jogo do São Paulo. Paramos num bar para beber umas cervejas. Por birra infantil e insistência ignóbil, meu pai cedeu às minhas chantagens e finalmente era eu quem pilotava na volta. Estava bêbado. Meu pai era o garupa. Bêbado também. Ao pegar novamente o rumo de casa, perdi os sentidos por alguns segundos. Lembro-me que pisquei ou fechei os olhos por um tempo impreciso e imediatamente minha moto foi abalroada por não sei quantos carros. Fui jogado longe para um lado. Meu pai para o outro. Acordei numa cama de hospital, travado da cintura para baixo. Meu pai não teve a mesma sorte. Está dormindo até hoje debaixo de um tampo de granito, num cemitério não muito longe daqui. Minha mãe me odeia. Acha que a morte do meu pai foi culpa minha. Carrego esse peso todo até hoje, tudo por causa da porra da falta do diálogo e do perdão. Me desculpe. Não posso continuar. Esse é, enfim, meu parco currículo impessoal.”

Inevitável o transbordar de um rio de lágrimas. Sempre tive pena de mim mesmo. Não conseguia encarar Carlos Roberto/Rebecca diretamente.

“Ai, ai, ai. Comovente, lindinho. Mas tá na hora do senhor dar a volta por cima, viu?”, debochou Rebecca, apertando o coque e agitando o rabo-de-cavalo enquanto se levantava do sofá que já tinha vivido melhores dias.

“Não ligo a mínima pelo que você passou. Não tô nem aí pelo fato de você estar preso a uma cadeira de rodas. Tudo o que sei é que você é lindinho demais pra ficar ai se lamentando. Vamos, *up bofie!* Há um mundo lindo lá fora que precisa de você”, completou a loira, estalando os dedos, iluminando meu caminho com o sorriso mais radiante que uma pessoa equilibrada pode deixar transparecer.

“Vejo casos como o seu trocentas vezes todos os dias. E acredite, tem muita gente bem pior do que você, lindinho. Bem pior.”

Rebecca ajoelhou-se diante de mim, tocando com firmeza meus joelhos sem vida. Eu apenas senti um leve formigamento perpassar minha pele e algo em seu toque mágico me levou a engolir as lágrimas restantes. Surpreendentemente, eu queria me levantar e me atirar num longo abraço, um novo abraço dado num novo amigo.

Pela primeira vez eu senti que alguém me tratava não como um inválido, um coitado, mas como uma pessoa comum e corrente. Desajeitado, toquei nas mãos frias daquele anjo sem sexo. Rebecca segurou minhas mãos molhadas e beijou com carinho as extremidades dos meus dedos trêmulos.

Não encarei esse ato como algo libidinoso. Minha porção machista-ignorante foi soterrada pelo meu lado sensível e aberto ao novo. Naquele instante, me senti protegido. E não há nada mais gratificante do que ser amado por alguém que não te cobra absolutamente nada, a não ser uma doce sinceridade nos atos e no coração.

Meu anjo manco sussurrou em meu ouvido afirmando que eu estava diante de uma nova chance.

“Se hoje fosse o seu aniversário, qual seria o seu maior desejo, Rod Lindinho?”, disse Rebecca, com uma ternura afetadamente deliciosa no tom de voz.

“Rebecca, hoje é o meu aniversário”, eu confirmei, encabulado.

“Juuuraaaa, Lindinhooo!!!”, gritou, num tom histérico, a louca da minha amiga.

Rebecca levantou-se de supetão, soltando o coque, massageando o couro cabeludo com vigor e finalmente, de maneira mais do que teatral, jogou as longas madeixas alouradas para trás, de um lado para o outro.

“Preciso ligar pra minha mãe. Urgente!”

A louca caçou o celular dentro da mala hipopotética. Ao encontrá-lo - um V3 Pink, claro - , foi até a cozinha, arrastou um dos banquinhos de plástico que estava debaixo da mesa, sentou e cruzou as pernas bichescamente e começou a discar para a mãe. Apenas quatro segundos depois:

“Oiê. Tudo bem com a senhora? Bom, mãe, preciso de um grande favor. Preciso da receita do seu bolo. Que bolo? Aquele, mãe, aquele de chocolate e coco que a senhora sempre faz para tudo quanto é visita que vai à sua casa todo santo sábado. Sim, mãe, eu sei. É verdade, mãe. Eu não me lembrava, mãe. Tá bom, mãe, eu vou tentar. Certo, mãe... hum hum... claro, eu entendo, mãe. Tá tudo bem, mãe. Ok, mãe. Até mais, mãe... Ops! Caiu a ligação!”

Rebecca riu, fechando o telefone em concha, praticamente desligando o dito-cujo na cara da mãe tagarela.

O que aconteceu logo em seguida me deixou sem fôlego. Rebecca foi até o carro, pegou uma pasta de lona, remexeu em dezenas de papéis e folhas e agendas ancestrais. Dando um grito de triunfo, vi quando ela encontrou um pequeno índice telefônico, na verdade, uma agendinha furreca de capa de plástico laranja-fanta.

“AAAA... BBBB... Bolo da Mãe. Achei!”, vibrou Rebecca, encontrando finalmente a receita do famoso bolo no lugar mais inusitado possível.

“Açúcar, farinha de trigo Renata Poderosa, chocolate em pó dos Padres Gays, leite da vaca Mimosa, um *pacotito* de coco... não era mais fácil comprar um monte de Prestígio?... seis ovos de Galinhas Frescas... huumm, conheço um monte... Fermento em pó Royal básico... huumm, *deixa eu vê...* bate aqui, mistura ali. Ok, já sei fazer um bolo!”

A espevitada meteu o dedo na minha cara, pedindo para que eu não saísse dali sob hipótese alguma. Foi dado um beijo no alto da minha cabeça e de repente Rebecca já havia ganhado o mundo, zunindo dentro do seu Gol avelhado da cor da prata envelhecida.

Sozinho, numa casa estranha (é engraçado que em quatro anos, era a primeira vez que eu entrava na casa de Dora), tentei colocar todos os meus pensamentos em fila indiana. Levei minutos eternos para conseguir esse feito.

E lá estava eu, na nova casa de um gay mais mulher do que homem, na expectativa de ganhar uma festa de aniversário inusitada, dentro de uma situação totalmente nova para mim. Ri alucinadamente até verter novas lágrimas de espanto. Meu rosto ficou corado. Fiquei nervoso e indeciso. O que é novo sempre nos assusta.

Desabei num providencial cochilo instantâneo. Dormir é sempre a melhor fuga para longe de toda realidade. É quando finalmente descobrimos todas as respostas.

Tomei um susto enorme quando uma batedeira entrou em ação. Deslizando minha cadeira de rodas até a cozinha, levou tempo até meus olhos conseguirem focar uma Adriane Galisteu às avessas.

Agora Rebbeca trajava um short minúsculo cor de areia e no lugar de coxas depiladas, lisas, milhares de pêlos loiros, descoloridos, cobriam um par de pernas torneadas à perfeição. Pêlo de homem não é o meu forte, mas não posso negar que aquelas pernas eram belíssimas. Senti inveja.

“A Transparente-de-Neve acordou para a vida? Uebááá!”, uivou Rebbeca, acima do grito doentio e esforçado da velha batedeira, enquanto batia manualmente, sem compasso, o que eu julguei ser o recheio do bolo numa travessa refratária. A cozinha estava uma baderna só. Era evidente que ela não sabia cozinhar.

Tentando ser discreto (odeio bagunça), fui apanhando sacolinhas de plástico, embalagens de papel, cascas de ovos e mais uma infinidade de restos e deposei o montante numa improvisada lata de lixo feita com umas das caixas de papelão que Rebbeca havia trazido com seus pertences.

Depois da quase limpeza, fiquei observando minha loira (minha loira?) no seu malabarismo insano tentando produzir algo para mim. Que meigo!

Rebbeca melecava tudo, limpava a mão novecentas vezes por minuto num pano de prato recém comprado e cantava, ah, como cantava sem parar.

Um desfile de sucessos dos anos 80 invadiu a cozinha de nostalgia. Parecia a programação da Antena 1, que minha mãe tanto adorava.

Para não ficar para trás, assim que Rebbeca começou Diana Ross, com seus agudos perfeitos, me lembrei das aulinhas de inglês. Sem graça, tímido pra caralho, dei o melhor de mim num Lionel Ritchie medonho. Acho que não fiz feio, porque a todo momento eu era brindado com aquele sorriso mágico daquela estrela da noite. Eu estava gostando da magia.

Após uma breve pausa para um rápido xixi (rápido pra fazer; mas um verdadeiro martírio estar num banheiro não adaptado) enquanto o bolo assava, na volta do mijador notei Rebbeca roendo as unhas curtas, brancas e limpas.

“Ué. Cadê aquele monte de unhas enormes, verm...”

“Ai, ai, ai, Rod Lindinho. Aquilo era tudo *fake!* Era só um teste que eu estava fazendo, talvez para usar no *show* de amanhã”, disse Rebbeca, sentada em seu banquinho. “Será que o gás vai dar?”, continuou, observando o resultado das suas roeduras.

Mais uma surpresa inesperada. Ficamos ali, eu observando minha amiga preocupada com o gás e ela olhando ora para as unhas naturais, ora para meus olhos de menino, e continuava a me presentear com seu sorriso lindo.

“Rod Lindinho, bom, sabe né, eu sou boa em muita coisa, mas... confesso que sou uma *fastfoodeira* de carterinha. Eu sempre como fora!”

“Eu percebi... ah, ah, ah... me desculpe”, enrubesci.

“Tá bom, tá bom, eu confesso: estou fazendo meu primeiro bolo na vida. Se esse troço ficar bom, vamos nós dois levar um pedaço pra sogrinha... e você terá que ser cúmplice dos meus esforços culinários, combinado?”, disse Rebbeca, esticando-me a mão para um cumprimento de palmas estaladas.

“Sogrinha? Eiii, eu ainda sou novo pra casar!”, retruquei, debaixo de um sorriso tímido.

“Meu *bofie*... nascemos um para o outro. E é claro que sou eu a escolhida pra tirar a sua virgindade... Aiiii.... *qui dilicia!!!*”, riu Rebbeca, batendo o cabelo pra lá e pra cá feito uma louca.

Meu semblante desabou. Não consegui disfarçar meu mal-estar. Aquela brincadeira inocente destruiu minhas estruturas. Sim, eu realmente ainda era virgem. Um virgem oficial. Nunca, jamais tive a chance de dar um beijo sequer numa garota. Meter então? Era um sonho agora muito distante.

Ficar sem os movimentos na parte baixa do meu corpo até superei rapidamente, quase que sem traumas. Não foi fácil, claro, mas aprendemos a nos adaptar diante das barreiras intransponíveis. Sempre há um novo caminho que nos indica uma velha direção.

Mas nunca me esqueço do dia em que, ao lado de tia Fridah, morrendo de vergonha, o médico me alertava das ínfimas chances de eu conseguir, no futuro, ter alguma atividade sexual.

No more punhetas... nada de cacete duro (e olha que eu tinha um belo mastro!), nada de comer uma buceta, nada de filhos naturais, nada de continuar a espécie.

Que ódio, nem o cu - se eu resolvesse dar algum dia - eu poderia. Caralho! Porra! Nem pra viado eu servia!

Petrificada, Rebbeca se levantou. Desligou o gás, abriu a porta fumegante do forno, retirou a assadeira pelando. O bolo tinha um aspecto agradável. Faltava conferir o sabor. Ele repousava sobre a pia de inox.

“Venha sentar-se aqui na sala, Rod Lindinho”, disse Rebbeca, onde sua voz parecia a de uma irmã mais velha. “Ops... você já está sentado... ah, ah, ah!”

Correção: não era definitivamente minha “irmã”... era Rebbeca sendo apenas... Rebbeca.

Arrastei minha cadeira de rodas até a sala. Mais uma vez, Rebbeca apontou seu dedo longo em minha direção, com a diferença de agora ela pousar suavemente a ponta do dedo indicador nos meus lábios secos.

“Hoje é o seu aniversário, certo?”

“Sim, é. Este era pra ser o dia mais importante da minha vida.”

“Huumm... Ok... então, pode deixar comigo, pois esse será realmente o dia mais importante da sua vida”, ressaltou Rebbeca. “Feche os olhos. Vou apagar a luz. Espere alguns minutos. Sua vida vai mudar. Eu prometo.”

Rebbeca me deixou plantado na sala, mais uma vez. Já era começo de noite, o frio tornara-se mais intenso. Fechei os olhos. Abracei meu peito. Sonhei com um futuro melhor.

“Estou pronta. Abra.”, disse Rebbeca.

Abri os olhos e a visão embotava os meus sentidos. Ela estava deslumbrante. Totalmente transformada em outra pessoa. Usando um longo azul quase transparente, onde contas diamantes ricocheteavam matizes azuis e dourados, a maquiagem perfeita (como ela conseguiu fazer isso tão rápido?) apagara as feições de uma simples mortal – Rebbeca – e diante de mim, Barbra, uma deusa imortal, se materializava como que por encanto.

A mão direita, onde um anel dourado com uma pedra lilás enorme parecia sufocar o coitado do dedo mindinho, pousou com delicadeza sobre os botões de um rádio-cd descomunal. Tudo era superlativo naquela noite. A noite mágica do meu doce aniversário.

A música foi ganhando o ambiente. Somente a luz da cozinha tentava iluminar a estrela da noite, como se isso fosse realmente preciso.

“The way he makes me feel” foi dublada numa performance inesquecível. Eu conhecia essa música de cor e salteado, porque tia Fridah adorava Barbra Streinsand e eu já havia assistido *Yentl* pelo menos quatro milhões de vezes.

Minha tia morreria de inveja de mim naquele momento mágico. Eu tinha o privilégio de

assistir àquele espetáculo privado e exclusivo. Barbra Rebbeca Feelings era a minha deusa, a minha amada, o anjo caído do Céu dos Seres Perfeitos para salvar a minha vida medíocre.

Sim, a porra dos anjos realmente não têm sexo. Foda-se que aquele homem-mulher era bicha ou tricha ou, na verdade, mais homem e mais digno do que eu podia supor.

Rebbeca cantava, dublava, bailava, me olhava com uma ternura, uma sedução intrínseca que mulher nenhuma desse mundo conseguiria reproduzir com tamanha perfeição. Eu descobria naquele instante que os gays são mais do que homens especiais. São realmente seres divinos, criados por Deus simplesmente para dar cor, alegria, vida e esperança a um mundo tão imperfeito e incorreto quanto o nosso. Os gays são realmente a Luz do Mundo!

Rebbeca era o homem, o amigo, o cara que me deu o cutucão nos meus colhões e me mostrou que eu realmente tinha que sair do meu estado de vítima e adentrar ao estado de homem de bem, com uma vida imensa pela frente. Gays são acima de tudo, amigos.

Rebbeca era a mulher, a deusa, a princesa que seduziu meu coração com sua graça, sua alegria esfuziante, que mesmo tendo uma vida sacrificada e simples, sabia dar o valor exato ao ser humano que tinha a sorte de cruzar o seu caminho. Gays são bondosos e extremamente prestativos.

Eu imaginava os pacientes de Rebbeca. Eu vislumbrava a alegria deles ao se deparar com um ser tão iluminado. Gays são alegres e debochados por natureza.

Mas naquela hora mágica, no meu dia mágico, ela era minha. E meu olhar molhado, ao final da música, implorou pela perda da virgindade labial. Agora era eu que desejava ser o homem daquele homem. Eu queria sentir o gosto inesquecível do primeiro beijo. Fui atendido.

Rebbeca me beijou. E eu jamais poderia imaginar que o beijo de um homem pudesse ser tão delicado e tão intenso ao mesmo tempo. Nada comparável com aquelas cenas de televisão. O toque dos lábios, a união das línguas, a troca dos cheiros que emanavam das nossas narinas ofegantes. Eu beijava pela primeira vez. Ah, meu Deus, como isso era bom!

Sem desgrudar sua boca da minha, Rebbeca carregou-me em seus braços. Troca de papéis, a mulher segura o homem. Eu chorava. Soluçava feito uma criança feliz. Hilário e emocionante!

Ela depositou com extremo carinho e cuidado (mulher experiente!) a minha alma expandida por sobre o sofá. Seus cabelos dourados cobriam o meu rosto e sua boca vermelha sugava meu pescoço, subindo até minhas orelhas que jamais haviam experimentado tamanho êxtase. Eu estava perdendo o controle de mim mesmo. Ah, meu Deus, como isso era *realmente* bom!

Das orelhas, a língua quente de Rebbeca atingiu os meus ombros. E cada lado foi agraciado com beijos e carícias de mãos iluminadas pelo prazer.

“Tire a minha camisa”, eu implorei a ela. “Com força, pois eu não sou um vaso de porcelana chinesa!”, afirmei.

Rebbeca, séria, rasgou minha velha camisa do São Paulo em três partes. Senti seus dentes perfeitos mordiscarem meus mamilos. Que porra é essa, meu Deus!

Eu segurava seus cabelos longos, macios e cheirosos. Meu cacete sem vida formigava, implorava para ficar em pé, em vão. Rebbeca parecia não se importar com isso e foi logo baixando minha bermuda, bolinando minhas bolas virgens.

Uma de suas mãos finas e frias tapava minha boca. Minha respiração parecia ser interrompida a todo instante. A boca de Rebbeca sugava, mordida, beijava, lambia, cuspiu, se esfregava em meu pau natimorto. O milagre estava por vir.

Eu chorava. Chorava copiosamente. No ímpeto do prazer supremo, pude ver o milagre divino ocorrer diante dos meus olhos inchados. A porra, a doce e suave e primeira porra da minha vida de adulto, surgiu como por encanto na face esquerda de Rebbeca. Ela havia conseguido tirar a minha pureza para fora!

A sensação de gozar pela primeira vez através do contato físico com uma pessoa foi algo que jamais conseguirei explicar por palavras escritas (desculpe, meu diário querido!). Não consigo explicar como tudo aconteceu, na rapidez do ocorrido, na beleza das ações e na dedicação da minha amada em me mimosear com o mais maravilhoso dos presentes. Eu era um homem feliz. Eu era um homem realizado. Eu estava... sim, confesso, eu estava amando pela primeira vez.

Amando um homem!

A chuva e o vento brincavam lá fora. Agarrados na sala desconjugada, eu e Rebbeca permanecemos horas e horas abraçados no exíguo espaço disponível para os nossos corpos no sofá medonho.

Rebbeca acariciava minhas pernas. E mesmo eu nada sentindo no plano físico do toque, meu espírito captava o carinho emanado por aquelas mãos de fada.

“Quero gozar”, disse Rebbeca, beijando a ponta do meu nariz adunco.

“O que eu devo fazer?”, perguntei, ansioso por retribuir o prazer que ela havia me proporcionado.

“Simplesmente me beije. O resto é por minha conta”, ela disse, manipulando um pau de grosso calibre para cima e para baixo.

“Não, Rebbeca. Me dê a chance de fazer o ato por completo”, insisti, tocando com determinação naquele mastro rústico.

Notei o sorriso de Rebbeca a iluminar minha iniciativa. Desajeitado - era a primeira vez de tudo -, lá estava eu batendo uma punheta para uma mulher que agora era o meu homem e que seria a minha esposa, culminando a parceira tornando-se o meu melhor amigo.

Peguei o jeito da coisa. Adorei. Fodam-se todas as convenções. Eu estava batendo uma para Barbra, e daí? Quando você teria a porra dessa chance, ô meu!

Apertei aquele cacete com mais força e Rebbeca bailava o seu corpo perfeito em sincronia com meus movimentos. Beijei-a, mordi-lhe a língua doce, socava o seu caralho como um macho experiente. Não tardou para Rebbeca depositar sobre meu peito a sua essência divina.

Larguei o beijo no ar e fui sentir o gosto de uma porra alheia. Lambi com veemência os vãos dos meus dedos. Voltei a beijar Rebbeca. Ela tinha o direito de sentir a alquimia perfeita da sua essência misturada com minha saliva juvenil. Adorei superar meus limites.

“Feliz aniversário, Rod Lindinho”, disse Rebbeca, arfante.

Não respondi, pois eu não era digno de me expressar através de qualquer frase que pudesse ser proferida.

Apenas sorri. Gargalhei. Perdi o controle de mim mesmo.

“O que aconteceu, lindinho!”, perguntou uma Rebbeca assustada.

“Tá na hora de você levantar, ir até a cozinha e trazer uma generosa fatia do *meu* bolo para *eu* comer.”

“Caralho, Rod Lindinho!”, gritou Rebbeca, levantando-se lentamente, enquanto aprumava os longos cabelos louros. “Nem bem casamos e você já me joga pra cozinha?”

Rimos entre beijos e lágrimas.

“Vá, mulher. Hoje é o meu aniversário. E eu posso tudo! Eu sou o Super Homem!”

“Olha que o super homem caiu do cavalo! Aiii, meu Deus, que maldade... ah, ah, ah!”

Rebbeca - agora uma Barbra desmontada - sumiu na cozinha, debaixo de risos históricos.

Permaneci deitado, ignorando meus limites, apenas feliz, olhando para o teto, ouvindo a algazarra da chuva e do vento lá fora. A noite havia se transformado em madrugada.

Embotado de tanto rir, enxuguei o rosto com as costas da mão direita. Senti o cheiro da minha vitória na cama. Agora eu era um homem completo. Um homem que descobriu inusitadamente o amor e o carinho por outro homem. Talvez uma nova mulher...

Mas o que isso importa agora? Afinal, anjos não têm sexo. E isso eu pude comprovar.

Fechei os olhos. Ganhei uma garfada recheada de uma tenra e surpreendentemente deliciosa fatia de bolo de chocolate.

“Feliz aniversário, Rod Lindinho”, pensei, enquanto degustava o doce feito com amor (e sorte de principiante) da minha amada companhia.

* * *

“Feliz aniversário” é um conto de Moa Sipriano e foi escrito no dia 15 de fevereiro de 2008

* * *

Para “Lyla”, de Jundiaí, SP

O AUTOR

Nasci em Jundiaí, uma próspera cidade do interior de São Paulo. Comecei a escrever roteiros, poesias, letras de música e outras *bobiças* aos 12 anos. Eu vivia anotando meus sonhos e minhas verdades em papéis soltos que foram se perdendo pelo caminho. Sempre escrevi histórias que de alguma maneira retratavam a homossexualidade masculina.

Em 1988, após uma experiência pessoal marcante, resolvi desabafar – numa autoterapia forçada – escrevendo em uma noite “Uma carta para Hans”. Foi o primeiro conto.

Em 2004, fiquei totalmente surpreso com a polêmica, os comentários inflamados e a repercussão positiva junto aos leitores ao publicar meus primeiros artigos: “Deus x Gays”, “Afeminado? Tô fora” e “Você é Ativo ou Passivo”; além da série “Poltrona 47” (cinco contos que retratam as experiências sexuais de um rapaz dentro de um ônibus) e o conto “Treze homens e um destino” (história que retrata de uma maneira polêmica as atitudes de um rapaz que ao saber que pode estar contaminado com o vírus da AIDS, num momento de revolta e irresponsabilidade total resolve se vingar e transar com treze homens em um único dia).

Foi este incentivo voluntário que me levou a apostar no *meu tipo* de literatura. Desde então, nunca mais parei de escrever, procurando aprender e evoluir a cada dia como um bom contador de histórias gays.

Em 2005, por causa do sucesso do conto “Treze homens e um destino”, busquei inspiração para desenvolver o projeto “30 dias”. A história de Jägger foi realmente escrita em tempo real, conforme as datas descritas no diário do personagem. Foi um desafio enorme escrever trinta capítulos em exatos trinta dias e postar um capítulo diário em meu site, em formato de *blog*. E mesmo não tendo divulgado devidamente este projeto, o retorno foi promissor.

Em 2007, após editar e ampliar o conto, transformando-o em um *e-book* e carro-chefe na divulgação do meu trabalho, resolvi disponibilizá-lo gratuitamente em meu site.

Percebendo a boa receptividade do “30 dias” (em um ano, mais de 7.000 *downloads* contabilizados através de meu *site* e de *sites* e *blogs* parceiros), acabei transformando praticamente toda a minha produção literária nesse formato, tornando-me assim um pioneiro na divulgação e distribuição no Brasil de livros digitais gratuitos contendo literatura gay de qualidade.

E por causa da grande quantidade de comentários incentivadores dos meus leitores e da crescente demanda pelos livros digitais é que continuo dar o melhor de mim na produção constante e divulgação permanente de uma literatura gay nacional de excelente entretenimento.

A homossexualidade, o amor verdadeiro, os conflitos internos, a amizade e a espiritualidade são temas constantes em meu trabalho literário. Espero que minhas histórias e verdades proporcionem a você momentos de agradável leitura e reflexão.

* * *

:: SE VOCÊ CURTIU ESSE CONTO, COMPARTILHE A HISTÓRIA COM SEUS AMIGOS ::

Se você gostou da história, por favor, envie este conto para a apreciação de seus amigos, colegas e demais pessoas de sua intimidade. Ajude a divulgar meu trabalho literário. Conto com você!

para sua informação...

Você gostaria de investir no melhor site de literatura gay nacional?

Se você curtiu muito o texto que acabou de ler e quiser colaborar financeiramente, apoiando o meu trabalho, faça e confirme um depósito na minha poupança (ui!) e seu nome ficará registrado em meu site - *menu "colabore"* - na famosa...

... lista permanente dos leitores e fãs que apoiam o fofo do Moa! (eu me acho, né! :)

mas, antes de colaborar, por favor leia isso:

Todo os artigos, contos e livros digitais (*e-books*) contidos em meu site são de **minha autoria** e estão disponíveis de maneira **ESTRITAMENTE GRATUITA**.

No entanto, se você quiser **CONTRIBUIR ESPONTANEAMENTE** para a continuidade da produção literária exposta em moasipriano.com, poderá depositar o valor que você achar justo na seguinte conta-poupança:

Caixa Econômica Federal (CEF)

Agência: 2209 | Conta Poupança: 013.00034097-2

Nome: Moa Sipriano

OBS: Qualquer tipo de ajuda será bem-vinda e, antes de tudo, vista como um **SINAL DE GRATIDÃO E RECONHECIMENTO À PROPOSTA DESSE PROJETO**.

Os depósitos serão revertidos em amortização dos custos de hospedagem e manutenção do site, e também servirão na ajuda de custos de gráfica para que eu possa em breve - *por conta própria* - lançar meu primeiro livro impresso.

Por favor, jamais se sinta forçado a nada. E muito obrigado, de coração, por ser meu fã!

MOA SIPRIANO